

SOBRE O ESTATUTO SINTÁTICO DO REFLEXIVO EM CONSTRUÇÕES ANTICAUSATIVAS DO ALEMÃO

*Leonel Figueiredo de Alencar**

1. INTRODUÇÃO

O fenômeno das *diáteses* ou *alternâncias verbais* constitui um dos mais investigados na pesquisa lingüística dos últimos anos, no âmbito dos mais diversos modelos teóricos.¹ Por alternância verbal entende-se a ocorrência de um verbo em mais de uma moldura de valência (ou subcategorização), geralmente acompanhada de uma mudança de significado, como se ilustra em (1):

- (1) a. O bêbado quebrou a garrafa.
 b. A garrafa quebrou.
 c. A garrafa se quebrou.
 d. A garrafa foi quebrada pelo bêbado.
 e. O bêbado quebrou.²

Neste trabalho, partimos do pressuposto, comungado por representantes de diferentes abordagens teóricas, de que as alternâncias verbais resultam de processos que, atuando no léxico, geram novas entradas lexicais a partir das entradas existentes. Esses processos lexicais podem ou não envolver alterações na representação fonológica dos verbos.

A noção de alternância é mais abrangente que a de voz, a qual, tradicionalmente, abrange apenas a oposição entre voz ativa, passiva e reflexiva, exemplificada, respectivamente, em (1 a), (1 d) e (1 c) (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 395).³ As frases de (1 b, e) exemplificam outros tipos de alternância tipologicamente representativos. De fato, em muitas línguas, essas diáteses são marcadas morfologicamente no verbo. Por exemplo, em turco, o verbo para 'matar' (*öldür*) é derivado de 'morrer' (*öl*) pela adjunção de um sufixo causativo. Em russo, inversamente, o verbo 'quebrar' na construção transitiva de (1 a) é *lomat'*, mas na construção intransitiva de (1 b) é *lomat'sja*, derivado por sufixação do primeiro, por meio de operação lexical denominada anticausativa (COMRIE, 1986, p. 160-161). Na língua maia iucateque (KRÄMER; WUNDERLICH, 1999, p. 458) e na língua aborígine australiana dyirbal (COMRIE, 1985, p. 321), a omissão do objeto em construções como (1 e) implica sempre marcação morfológica explícita no verbo, por meio de operação lexical denominada antipassiva.

* Professor Adjunto do Departamento de Letras Estrangeiras e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal do Ceará. Este trabalho não teria sido possível sem a ajuda de Carmen Kelling (Departamento de Lingüística da Universidade de Constança, Alemanha), que contribuiu tanto com o envio de material bibliográfico quanto com a discussão de algumas das idéias aqui apresentadas. Erros remanescentes, contudo, são de nossa inteira responsabilidade.

¹ Ver, por exemplo, Davis (2001). Sobre a inter-relação entre alternância e morfologia verbais sob uma perspectiva tipológica, ver Comrie (1985).

² Imagine-se essa frase como resposta a uma pergunta do tipo *Cadê a garrafa?*

³ Recentemente, Camacho (2003) propôs, para o português, a subdivisão da voz reflexiva tradicional em voz média e voz reflexivo-recíproca.

Em (1 a), o verbo possui dois argumentos com os papéis temáticos AGENTE e TEMA, que são projetados na sintaxe, respectivamente, como sujeito e objeto direto. O verbo expressa uma mudança de estado no TEMA desencadeada por uma ação do AGENTE. Tem-se nesse exemplo, portanto, um verbo causativo (COMRIE, 1986, p. 161; RAPOSO, 1992, p. 281).

Considerando, por hipótese, a construção causativa de (1 a) como básica (STEINBACH, 1998, p. 34), as construções de (1 b) e (1 c) podem ser analisadas como derivadas por um processo de descausativização ou destransitivização. Há, porém, que distinguir o emprego intransitivo do verbo em (1 b), por um lado do de (1 d), por outro do de (1 e).

Na construção anticausativa de (1 b), há redução da valência sintática a par de redução da valência semântica, com o papel TEMA passando, tal como no exemplo de (1 d), a realizar-se como sujeito. Diferentemente da anticausativa, porém, na passiva o AGENTE não é eliminado da moldura de papéis temáticos, uma vez que se pode realizar como um PP introduzido pela preposição *por*. Compare-se a gramaticalidade de (1 d) com a inaceitabilidade de (2), para a qual chama atenção Kelling (em fase de elaboração)⁴:

- (2) a. *A garrafa quebrou pelo bêbado.
b. *A garrafa se quebrou pelo bêbado.

Na construção intransitiva de (1 e), ao contrário do que ocorre em (1 b, c, d), apenas a valência sintática é reduzida; o papel AGENTE, como na variante verbal de (1 a), continua na função de sujeito. O papel TEMA não é eliminado, mas fica implícito, devendo ser recuperado no contexto (KRÄMER; WUNDERLICH, 1999, p. 458).

À primeira vista, (1 b) e (1 c) derivam da construção causativa pelo mesmo processo lexical. De fato, em (1 c), há o mesmo rearranjo na correspondência entre papéis temáticos e funções sintáticas que em (1 b). Na construção (1 c), porém, ocorre um elemento a mais cujo estatuto relativamente à valência sintática não está claro. Trata-se de um clítico meramente expletivo que preenche a posição sintática de objeto direto ou, como no russo, de um tipo de afixo verbal assinalando a redução da valência? Como veremos mais abaixo, a questão é extremamente controversa, não só no âmbito da lingüística do alemão, mas também do francês e italiano.

O presente artigo focaliza as construções anticausativas em alemão análogas a (1 c), na qual o verbo é acompanhado de um pronome reflexivo, como em (3). Seguindo Steinbach (1998, p. 29), denominamos essas construções, que Mendes (2003) chama de anticausativas pronominais, de anticausativas reflexivas (*reflexive-anticausative*).

- (3) Die Tür öffnete sich.
a porta abriu REFL⁵
'A porta se abriu.'

Neste trabalho, concentramo-nos sobre o estatuto morfossintático do reflexivo nessas construções. Particularmente, compararemos diferentes abordagens, que tratam o reflexivo ora como complemento, ora como não-complemento verbal. Objetivamos mostrar que, sob a perspectiva da Gramática de Decomposição Lexical (*Lexical Decomposition Grammar* – LDG) e da Gramática Léxico-Funcional (*Lexical-Functional Grammar* – LFG), é preferível o

⁴ Tese de livre-docência de Carmen Kelling, da Universidade de Constança, Alemanha, sobre construções reflexivas do espanhol.

⁵ Nas glosas interlineares, preferimos representar o reflexivo alemão por REFL, em vez de traduzi-lo, uma vez que ele, ao contrário do reflexivo português (e românico de um modo geral), não é um clítico do verbo. Convencionamos que REFL é sempre acusativo, salvo indicação em contrário.

tratamento uniforme do reflexivo alemão, em todas as construções reflexivas, como objeto do verbo. Essa análise, por simplificar a descrição do alemão, não só é explanatoriamente superior, mas também mais adequada no âmbito do ensino de alemão como língua estrangeira.

O trabalho estrutura-se em quatro seções. Na seção 2, delineamos o arcabouço teórico subjacente a nossa investigação, o qual combina aspectos da LDG e da LFG. A seção 3 resume os três tipos de abordagens na literatura sobre o estatuto morfossintático do reflexivo em construções reflexivas do alemão, francês e italiano. Essas análises articulam-se em torno de três posições antagônicas: (i) o reflexivo não é complemento em nenhuma das construções reflexivas, (ii) o reflexivo é complemento em todas as construções e (iii) o reflexivo é complemento em algumas construções e noutras, como as anticausativas, não é complemento. Ao passo que as posições (i) e (ii) tratam morfossintaticamente o reflexivo de modo uniforme, a posição (iii) propõe uma análise bifurcada. Na seção 4 mostramos, sob a dupla perspectiva teórica adotada e à luz dos dados do alemão, as vantagens da análise sintática uniforme *forte* do reflexivo (posição (ii)) e as desvantagens das análises uniforme *fraca* (posição (i)) e bifurcada (posição (iii)). Finalmente, na seção 5, resumimos as principais conclusões do trabalho.

2. ARCABOUÇO TEÓRICO

Como vimos, a construção anticausativa constitui, tal como as construções passiva e antipassiva, um tipo de alternância verbal, caracterizada tanto por propriedades sintáticas quanto semânticas próprias relativamente à construção básica. Mas em que difere, exatamente, uma construção anticausativa da correspondente construção causativa ou da passiva?

Creemos que uma resposta satisfatória à questão somente pode ocorrer no âmbito de uma teoria gramatical formal que conjugue representação semântica com representação sintática. Neste trabalho, utilizamos conceitos e formatos de representação das propriedades semânticas e sintáticas de verbos de duas teorias gramaticais que, conjuntamente, atendem a essa exigência: a Gramática de Decomposição Lexical (WUNDERLICH, 2000) e a Gramática Léxico-Funcional (BRESNAN, 2001; FALK, 2001). Denominamos o modelo teórico adotado, então, de LDG-LFG.⁶

Nesse modelo, a entrada lexical de um verbo comporta vários níveis de representação, dos quais os seguintes nos interessam mais de perto neste trabalho:

- i. Grade Θ , constituída de uma seqüência de variáveis ligadas por operadores λ , representando o argumento situacional do verbo e os argumentos individuais que projetam funções gramaticais, denominados papéis θ .⁷ A seqüência de papéis θ constitui a estrutura argumental (*argument structure* – AS) do verbo.
- ii. Forma Semântica (*Semantic Form* – SF), que consiste numa representação semântica dos aspectos gramaticalmente relevantes do significado verbal, especialmente os necessários à computação dos papéis θ . A SF é uma fórmula lógica constituída de predicados e argumentos hierarquicamente estruturados.
- iii. Moldura Funcional (MF), constituída das funções gramaticais subcategorizadas pelo verbo, por exemplo, SUBJ "sujeito",⁸ OBJ2 "objeto secundário"⁹ e OBJ "objeto

⁶ Para uma exposição detalhada das vantagens de se combinar LDG e LFG na descrição de alternâncias verbais, consulte-se Alencar (2003).

⁷ Sobre o operador λ em semântica formal, ver Chierchia e McConnell-Ginet (2000).

⁸ Na LFG, conforme a abordagem de Butt et al. (1999), Bresnan (2001) e Falk (2001), o sujeito é considerado como selecionado pelo verbo analogamente aos complementos, contrariamente ao que preconizam outras

direto", no caso de um verbo como *dar*. As funções gramaticais de uma moldura funcional, excetuando o SUBJ, constituem as funções-complemento (*complement functions*) ou, simplesmente, os complementos do verbo.

Entre esses níveis, há relações sistemáticas. A AS é projetada a partir da SF por meio de determinados princípios gerais, com base na hierarquia dos argumentos. A moldura funcional, por sua vez, é projetada, nos casos não marcados (*default*), a partir da AS.

Para um verbo como a variante causativa de *abrir*, que segue o padrão canônico de projeção argumental para verbos de dois lugares, temos a entrada de (4), cuja SF é se parafraseia informalmente como "em x age e y se torna aberto"¹⁰.

$$(4) \quad \lambda y \lambda x \lambda s \{ \text{ACT}(x) \ \& \ \text{BECOME}(\text{OPEN}(y)) \} (s) \quad \text{SF} \\ \text{AS}$$

Em (4), os argumentos da SF constituem a hierarquia $s > x > y$, que é representada em ordem invertida na AS, onde λx é o papel θ mais alto e λy , o mais baixo.¹² A AS de (4) projeta, da direita para a esquerda, a moldura funcional <SUBJ OBJ>, que não precisa ser especificada na entrada lexical, uma vez que é computável pelo mecanismo de projeção argumental.

Nos casos canônicos, há uma correspondência biunívoca entre a AS e a hierarquia de argumentos individuais da SF do verbo, como se pode observar em (4), em que $y < x$ projeta $\lambda y \lambda x$. Essa AS, por sua vez, está também em correspondência biunívoca com a moldura <SUBJ OBJ>.

Regras lexicais que operam sobre uma AS e/ou SF, porém, podem produzir uma discrepância entre a AS e a hierarquia de argumentos individuais da SF. Esse é o caso da passiva, em que o argumento mais alto é ligado pelo operador existencial \exists (cf. (5) e (6)). Na antipassiva, é o argumento mais baixo que é ligado pelo operador existencial (cf. (7) e (8)). Em ambos os casos, o único papel θ restante na AS do verbo projeta o SUBJ.

- (5) A porta foi aberta.
 (6) $\lambda y \lambda s \exists x \{ \text{ACT}(x) \ \& \ \text{BECOME}(\text{OPEN}(y)) \} (s)$
 (7) Pedro abriu.¹³
 (8) $\lambda x \lambda s \exists y \{ \text{ACT}(x) \ \& \ \text{BECOME}(\text{OPEN}(y)) \} (s)$

Tanto na passiva quanto na antipassiva, há redução do OBJ na moldura funcional do verbo e, conseqüentemente, passa a existir uma discrepância entre o número de argumentos semânticos e o número de elementos da moldura funcional. Pelo mecanismo de projeção

abordagens gerativas como a TRL (RAPOSO, 1992, p. 94). Também na LDG o sujeito constitui uma projeção da AS do verbo.

⁹ Em português, o OBJ2 corresponde *grosso modo* ao que se denomina, tradicionalmente, de objeto indireto.

¹⁰ Uma das teses da LDG é que a noção de causalidade, geralmente representada em semântica formal pelo predicado CAUSE (CHIERCHIA; MCCONNELL-GINET, 2000, p. 438), não constitui um primitivo do nível SF, mas é computável a partir de determinadas configurações da SF por meio de princípios gerais. Ressalte-se que o símbolo & não denota a conjunção tradicional da lógica formal, mas a conjunção assimétrica (WUNDERLICH, 2000).

¹¹ Seguimos a convenção, comum à LDG e a outras abordagens semânticas formais, de designar os predicados básicos de que se compõem os significados verbais por meio dos respectivos termos ingleses, mesmo em trabalhos escritos noutra língua que não o inglês.

¹² Na LDG, a noção de papel θ não se confunde com a de papel temático noutras abordagens como, por ex., Raposo (1992). Relações como AGENTE, TEMA etc. são atribuídas na LDG ao nível da Estrutura Conceptual (*Conceptual Structure* – CS). Os papéis θ são entidades bem mais abstratas, uma vez que se definem apenas pela posição na AS.

¹³ Imagine-se essa frase, analogamente a (1 e), como resposta a uma pergunta do tipo *E o salão?*

argumental, o argumento mais baixo, que, na ativa, realiza-se como objeto direto, na passiva é realizado como sujeito. O argumento mais alto da ativa, por sua vez, devido à ligação pelo operador existencial, torna-se "invisível" para o mecanismo de projeção, não sendo mais realizável como função gramatical subcategorizada pelo verbo.¹⁴ Na antipassiva, porém, não ocorre um tal rearranjo na correspondência entre argumentos semânticos e funções gramaticais, uma vez que o argumento mais alto, como na variante ativa do verbo, é projetado como sujeito.

Em resumo, as operações lexicais subjacentes às construções passiva e antipassiva quebram a isomorfia entre a valência semântica, formalizada no modelo LDG-LFG através dos níveis SF e AS, e a valência sintática, representada pela MF. Nesse caso, o número de elementos da AS passa a ser maior que o da MF.

Um outro tipo de não-isomorfia entre esses dois níveis é exemplificado pelo verbos com funções sintáticas argumentais expletivas. Tipicamente, esses expletivos ocorrem na posição de sujeito, em línguas como inglês, francês e alemão (cf. (9)).

- (9) It is raining.
EXPL está chovendo
'Está chovendo.'

Na LDG, verbos como o inglês *to rain* ou o francês *pleuvoir* são representados como em (10). Nessa representação, o papel θ λx importa apenas ao mecanismo de projeção argumental, que o projeta como sujeito expletivo. O operador λ , nesse caso, é vazio, uma vez que não liga uma variável da SF.¹⁵

- (10) λx λs RAIN(s)

A análise de elementos como o *it* do inglês, o *il* do francês ou o *es* do alemão em exemplos do tipo de (9) como um sujeito meramente formal é encontrada também em abordagens mais tradicionais como Helbig e Buscha (1991, p. 398) e Eisenberg et al. (1998, p. 636). O sujeito expletivo *es* em alemão difere, contudo, em vários aspectos de um sujeito prototípico, uma vez que não é comutável nem coordenável. Com efeito, um verbo como *regnen*, excetuando os usos figurados, não admite as construções de (11 a, c). Isso levou Engel (1994, p. 155) a não considerar esse *es* como um sujeito, mas sim um componente do verbo.

- (11) a. Das Baby gibt dem Mädchen die Puppe.
'O bebê dá a boneca à menina.'
b. Es gibt dem Mädchen die Puppe.
'Ele dá a boneca à menina.'
c. Das Baby und das Mädchen geben der Frau die Puppe.
'O bebê e a menina dão a boneca à mulher.'

A análise do expletivo em (9 c) como sujeito vai ao encontro, contudo, do comportamento sintático desse elemento, que não difere de um sujeito "normal", como se constata, primeiramente, pela comparação de (9 c) com (11 b). Em (12 a), a posição do *es* não referencial é imediatamente subsequente ao auxiliar, tal como o NP sublinhado de (12 b) e o

¹⁴ Não há consenso na LFG sobre o estatuto sintático do chamado agente da passiva. Bresnan (2001, p. 29) é de opinião que se trata de um complemento (especificamente um oblíquo), contrariamente a Falk (2001, p. 94), a quem seguimos neste trabalho, que não o considera um complemento.

¹⁵ Essa análise dos verbos com sujeito expletivo reflete abordagens tanto no âmbito da LDG quanto da LFG (BUTT et al., 1999; BRESNAN, 2001). Essas abordagens divergem de modelos como a TRL, na medida em que, nessa última, a função sintática sujeito não integra o quadro de subcategorização verbal (RAPOSO, 1992).

pronome *es* referencial de (12 c). O posicionamento do elemento sublinhado em (12 a) idêntico ao de (12 b, c) não constitui mera coincidência, mas resulta de que todos eles representam o sujeito da frase.

- (12) a. Gestern hat es geregnet.
ontem tem EXPL chovido
'Ontem choveu.'
- b. Gestern hat das Baby geweint.
ontem tem o bebê chorado
'Ontem o bebê chorou.'
- c. Gestern hat es geweint.
ontem tem ele chorado
'Ontem ele chorou.'

Na LFG são admitidas funções expletivas também na posição de objeto, como propõem Butt et al. (1999) para o alemão (cf. (13)), analogamente a Helbig e Buscha (1991, p. 400) e Eisenberg et al. (1998). Na LDG, igualmente, contemplam-se expletivos na função de objeto direto, como veremos em mais detalhe na seção 3.3. Dessa análise também diverge Engel (1994, p. 155), que, paralelamente ao *es* de exemplos como (9 c), considera esse elemento uma parte do verbo. A posição do expletivo em (13), porém, não é a mesma dos elementos que prototipicamente constituem partes móveis de lexemas verbais, como as partículas. Com efeito, as partículas, nesse tipo de construção, ocupam a posição final da frase (cf. seção 4.2). Em vez disso, o expletivo ocorre na posição canônica do objeto direto em alemão.

- (13) Ich habe es heute eilig.
eu tenho EXPL hoje apressado
'Estou hoje com pressa.'

Uma classificação dos expletivos do alemão na posição de sujeito ou objeto como partes do verbo, como faz Engel (1994), torna inexplicável o comportamento sintático desses elementos, pois as partículas verbais separáveis se comportam sintaticamente de maneira completamente diferente. Pela abordagem de Engel, exceções precisam ser introduzidas na gramática para dar conta do posicionamento dos expletivos, quando isso já poderia ser explicado pelos mesmos princípios que regulam o posicionamento de sujeitos e objetos não expletivos.

3. O ESTATUTO MORFOSSINTÁTICO CONTROVERSO DO REFLEXIVO

Nesta seção, veremos, inicialmente, em que tipos principais se classificam as estruturas reflexivas. Nas seções seguintes, apresentaremos os três tipos de análise do estatuto morfofossintático do reflexivo nessas construções. A seção 3.2 trata da análise uniforme fraca, pela qual o reflexivo jamais é complemento verbal. Na seção 3.3, expõe-se a abordagem antípoda, denominada uniforme forte, uma vez que enquadra como complemento verbal o reflexivo em todos os tipos de construção. Finalmente, na seção 3.4, resumimos algumas abordagens bifurcadas, que trata o reflexivo como complemento algumas construções e como não-complemento noutras. Nas seções 3.5 e 3.6 comparamos entre si essas análises, mostrando as vantagens da análise uniforme forte frente às desvantagens das outras duas abordagens.

3.1. TIPOS DE CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS

Tanto na gramática tradicional quanto em abordagens teóricas recentes, combinações de verbo e reflexivo não se subsumem num tipo único de construção, mas instanciam vários subtipos. Há várias propostas de classificação, que não cabe arrolar exaustivamente aqui, com base em critérios semânticos e/ou sintáticos.

Em (14) – (17) exemplificam-se quatro dos tipos propostos por Kaufmann (2003, p. 135-136): (i) transitivo reflexivo (cf. (14 a)), (ii) reflexivo direto (cf. (15 a)), (iii) descausativo (que chamamos anticausativo) (cf. (16 a)) e (iv) reflexivo inerente (cf. (17 a)).¹⁶

- (14) a. Maria se viu no espelho.
 b. Ela viu uma criança no espelho.
 c. Maria viu uma criança e a si própria no espelho.
- (15) a. Pedro se barbeou.
 b. O barbeiro barbeou Pedro.
 c. O barbeiro barbeou Pedro e a si próprio.
- (16) a. Eu me assustei.
 b. O cachorro me assustou.
 c. *Ele assustou o menino e a si próprio.
- (17) a. A menina se queixou.
 b. *A menina queixou a dor.
 c. *A dor queixou a menina.

Helbig e Buscha (1991, p. 64) distinguem dois grupos de estruturas com reflexivo ("verbos reflexivos *lato sensu*"), que denominam, respectivamente, "construções reflexivas" (exemplos (14 a) e (15 a)) e "verbos reflexivos *stricto sensu*" ou simplesmente "verbos reflexivos" (exemplos (16 a) e (17 a)), conforme a possibilidade de comutação do reflexivo por um NP pleno.

A classificação de Helbig e Buscha se refere não propriamente a lexemas verbais, mas a variantes de verbos. Nessa abordagem, apenas em (14) e (15) tem-se uma mesma variante verbal nas frases (a) e (b). O verbo em (16 a), aparentemente, enquadra-se no primeiro grupo, uma vez que (16 b) com uma moldura transitiva é gramatical. Em (16 b), porém, é instanciada uma variante verbal diferente da de (16 a), haja vista a inaceitabilidade de (16 c).

3.2. O REFLEXIVO COMO NÃO-COMPLEMENTO VERBAL

Nesta seção, resumimos algumas das análises que tratam o reflexivo como não-complemento verbal, mesmo quando é comutável por um NP ou pronome não reflexivo, como em (14). Nessas abordagens, construções reflexivas são sempre sintaticamente intransitivas, i.e. não possuem um OBJ na respectiva moldura funcional.

Para Schwarze (1987, p. 108), o reflexivo italiano *si* constitui, em todas as construções italianas paralelas a (14 a) – (16 a), um mero "marcador gramatical" (*grammatisches Signal*) de que uma função gramatical foi apagada por meio de uma regra lexical. Conseqüentemente, em nenhuma dessas construções o reflexivo realiza uma função-complemento do verbo.

¹⁶ O tipo (i) corresponde ao que Camacho (2003) chama reflexivo-recíproco, ao passo que os tipos (ii) – (iv) integram o que ele denomina voz média. Também Kaufmann (2003, p. 135-136) classifica os casos de (15 a) e (16 a) como construções médias. Na literatura em inglês, essas construções denominam-se *middle*; em alemão são denominadas *Medium* (KAUFMANN, 2003, p. 135). Noutros autores, como por ex. Steinbach (2002), o termo *middle* é empregado, numa acepção mais restrita, apenas para designar construções como as do inglês do tipo de *the bread cuts easily* 'o pão corta fácil'. Numa língua como o alemão, essas construções exigem um pronome reflexivo.

Sells, Zaenen e Zec (1987) propõem uma análise parecida das construções reflexivas do alemão do tipo de (14). Segundo eles, o reflexivo *sich* em alemão, embora constitua morfema livre, é mero marcador de que uma regra lexical de reflexivização foi aplicada. Os verbos resultantes dessa regra não possuem um argumento OBJ. Isso explicaria a possibilidade de aplicar nesses verbos a regra lexical da passiva impessoal, exemplificada em (18) e (19), que exigiria verbos não transitivos. Comparem-se as construções (18), com o verbo intransitivo *tanzen* 'dançar', e (19), com um pronome reflexivo. A gramaticalidade dessas construções contrasta com a agramaticalidade de (20), em que o verbo é transitivo (AC = acusativo).

- (18) Gestern wurde getanzt.
ontem foi dançado
'Dançou-se ontem.'
- (19) Jetzt wird sich gewaschen!
agora é REFL lavado
'Agora é hora de se lavar!'
- (20) *Jetzt wird den Brief geschrieben.
agora é a carta.AC escrita

Reinhart (2003) levanta várias evidências de que o clítico românico *se* (ou *si*), em construções como (14 a) e (15 a), não constitui o OBJ de um verbo transitivo. Segunda ela, a evidência mais sólida em prol dessa tese provém de construções causativas em francês, nas quais os verbos reflexivos se comportam analogamente aos intransitivos e não aos transitivos.

3.3. O REFLEXIVO COMO COMPLEMENTO VERBAL

Nesta seção, expomos abordagens diametralmente opostas às da seção anterior. Para Bierwisch (1996) e Kaufmann (2003), o reflexivo realiza o papel θ mais baixo da AS do verbo em todas as construções reflexivas alemãs paralelas às dos exemplos de (14) a (17). Em termos da LFG, portanto, todos esses verbos regem um OBJ.¹⁷

A representação (21) é uma versão simplificada da análise proposta por Bierwisch e Kaufmann para a variante anticausativa reflexiva de verbos como *öffnen* 'abrir'. O papel θ λx , ao contrário de λy , não liga variável na SF, constituindo, assim, posição na AS meramente sintática, sem contraparte na representação semântica. A co-indexação de λx e λy induz a realização do primeiro como OBJ reflexivo pela teoria da ligação do modelo LDG-LFG.¹⁸

- (21) $\lambda x_i \lambda y_i \lambda s \{BECOME(OPEN(y))\}(s)$

Por essa análise, o reflexivo nas construções anticausativas alemãs constitui, conforme a LFG, um OBJ atemático, i.e. um OBJ que não constitui projeção de papel semântico do verbo (BRESNAN, 2001; FALK, 2001).

3.4. TRATAMENTOS BIFURCADOS

Nas seções anteriores, vimos que o reflexivo é tratado uniformemente ora como não-complemento, ora como complemento do verbo, independentemente do tipo de estrutura reflexiva. Nesta seção consideramos algumas abordagens, que denominamos bifurcadas, segundo as quais o reflexivo é complemento em uma parte das construções de (14) – (17), e afixo ou componente do complexo verbal nas demais.

Para Helbig e Buscha (1991), o reflexivo funciona como complemento nas frases alemãs análogas às de (14) e (15). Nas estruturas reflexivas do alemão equivalentes às de (16)

¹⁷ Para as diferenças nas representações dos verbos reflexivos de (14) a (17) no nível da SF, ver Sells, Zaenen e Zec (1987) e Kaufmann (2003).

¹⁸ Assumimos, nesse ponto, os princípios gerais de ligação de Bresnan (2001) e Falk (2001).

e (17), porém, o reflexivo não é considerado complemento, mas constituinte do complexo verbal (*Prädikat* 'predicado').

Apenas o primeiro tipo de estrutura licencia as construções de (22) e (23). Esse é também o ponto de vista de Eisenberg et al. (1998).

- (22) Die Mutter wäscht nicht das Kind, sich wäscht sie.
 a mãe lava não a criança, REFL lava ela
 'A mãe não lava a criança, ela lava a si própria.'
- (23) Die Mutter wäscht nicht sich, sondern das Kind.
 a mãe lava não REFL, mas a criança
 'A mãe lava não a si própria, mas a criança.'

Paralelamente à abordagem de Helbig e Buscha (1991), Waltereit (2000, p. 258), analisando exemplos franceses, trata os casos de (14) e (15) como instâncias de construções transitivas, ou seja, o reflexivo instancia o objeto direto do verbo. Nos casos de (16 a) e (17), porém, o reflexivo *se* do francês é considerado por esse autor um afixo verbal.

3.5. ABORDAGEM BIFURCADA VERSUS UNIFORME FORTE DO REFLEXIVO

Uma deficiência das abordagens de Bierwisch (1996) e Kaufmann (2003) é que não apresentam outras evidências sintáticas para classificar o reflexivo, uniformemente, como objeto direto, nas construções reflexivas alemãs paralelas aos exemplos (14) – (17), além do fato de que esse elemento recebe o caso acusativo. Helbig e Buscha (1991), ao contrário, mostraram que o comportamento dos dois grupos de estruturas reflexivas não é uniforme com relação a determinados testes que, supostamente, permitiriam diagnosticar as propriedades sintáticas das construções.

Steinbach (2002), em estudo no âmbito da TRL e do Programa Minimalista, parte do princípio de que, para uma classificação sintática do reflexivo, deve-se recorrer a critérios realmente sintáticos. Para Steinbach, o reflexivo, nas construções que Helbig e Buscha (1991) denominam de reflexivas (exemplos (14) e (15)), é de natureza argumental, uma vez que realiza argumento semântico do verbo. Nos verbos reflexivos *stricto sensu* (exemplos (16 a) e (17 a)), porém, não corresponde a um argumento semântico verbal.

Steinbach mostra que o reflexivo argumental e o não-argumental comportam-se sintaticamente de forma idêntica em alemão. As evidências que apresenta referem-se à ordem das palavras e à ligação do reflexivo pelo sujeito. Limitamo-nos a transcrever aqui apenas um dos muitos exemplos de paralelismo sintático entre os dois tipos de reflexivos.

- (24) a. Der Kanzler liebt sich sehr.
 o chanceler ama REFL muito 'o chanceler se ama muito'
 b. Dieser Käse schneidet sich gut.
 este queijo corta REFL bem 'este queijo corta fácil'
- (25) a. *Der Kanzler liebt sehr sich.
 o chanceler ama muito REFL
 b. *Dieser Käse schneidet gut sich.
 este queijo corta bem REFL

Nas construções gramaticais de (24), a posição do reflexivo é imediatamente após o verbo, independentemente de sua natureza argumental (cf. (24 a)) ou não argumental (cf. (24 b)). As frases análogas em (25) são agramaticais porque o reflexivo encontra-se numa

posição não adjacente ao verbo, mas subsequente a um adverbial posicionado imediatamente à direita verbo.¹⁹

Steinbach mostra que a assimetria observada entre os dois grupos de verbos reflexivos, pelos testes de Helbig e Buscha (1991), decorre de fatores semânticos e não sintáticos. Sintaticamente, o reflexivo instancia um objeto direto em todas as construções alemãs paralelas a (14) – (17).

Evidencia-se que a assimetria entre os dois tipos de construção, constatada pelos testes de Helbig e Buscha (1991), reflete apenas o estatuto semântico diferente do reflexivo, quando se analisam exemplos como (26) e (27) com a variante anticausativa reflexiva de *öffnen* 'abrir' (N=nominativo). Essas frases são agramaticais porque a posição de objeto direto não corresponde a argumento semântico do verbo, admitindo realização apenas como pronome reflexivo no acusativo, mas não como um NP pleno como *o carro*.

- (26) a. *Die Tür öffnet nicht den Wagen, sich öffnet sie.
 a porta abre não o carro, REFL abre ela.N
 b. *A porta não abre o carro, ela abre a si própria.
- (27) a. *Die Tür öffnet nicht sich, sondern den Wagen.
 a porta abre não REFL, mas o carro
 b. *A porta abre não a si própria, mas o carro.

Em resumo, a abordagem de Steinbach faz jus ao comportamento sintático do reflexivo em alemão, que não é sensível a sua natureza argumental ou não argumental. De fato, a sintaxe trata o reflexivo argumental e o não argumental de forma idêntica. Uma classificação do reflexivo como complemento em uma parte dos casos e, noutros, como componente do complexo verbal não se justifica, uma vez que a assimetria no comportamento dos dois tipos de reflexivo, observada por Helbig e Buscha (1991), reflete apenas a diferença semântica entre constituir ou não argumento semântico do verbo.

Contra a abordagem de Helbig e Buscha (1991) há que considerar, também, que não é coerente, ao tratar, por um lado, o pronome pessoal *es* em construções do tipo de (13) como objeto direto do verbo e, por outro, o *sich* das construções anticausativas como parte do complexo verbal. De fato, um e outro elemento não são comutáveis nem coordenáveis. Isso, porém, não constitui evidência de que esses elementos não integram a valência sintática do verbo, mas apenas de que são funções-complemento verbais sem correlatos na valência semântica.

3.6. DIFICULDADES DA ABORDAGEM UNIFORME FRACA

Uma avaliação da viabilidade da análise uniforme fraca em todas as línguas consideradas nas seções anteriores extrapolaria o âmbito deste trabalho. Contentamo-nos aqui, portanto, em refutar as evidências apresentadas por Sells, Zaenen e Zec (1987) em prol dessa abordagem no âmbito do alemão. Na seção 4, mostraremos que tratar o reflexivo alemão como não-complemento é inviável, na medida em que complica extremamente a gramática da língua, introduzindo-lhe um grande número de exceções. Todas as desvantagens da análise bifurcada, no que concerne ao alemão, são herdadas pela análise uniforme fraca.

O argumento de Sells, Zaenen e Zec de que o reflexivo alemão não instancia um OBJ porque passivas impessoais com reflexivo são possíveis, enquanto passivas impessoais com OBJ são impossíveis, na verdade, é falacioso. Como vimos na seção 2, na passiva pessoal, o papel θ mais baixo projeta o SUBJ. É por isso que (20) é agramatical. Na passiva impessoal, como não há papel θ mais baixo, o verbo não projeta SUBJ (cf. (18)). Por que um papel θ que

¹⁹ Ressalte-se que o pronome reflexivo alemão não é um elemento clítico como em português, podendo, noutras construções, ocorrer em posição não adjacente ao verbo.

se realiza como OBJ reflexivo não projeta SUBJ na passiva, mas permanece OBJ, como em (19)? A razão é simples: não existe em alemão reflexivo no nominativo (EISENBERG, 1999, p. 129).

Em (28), temos a representação do verbo *waschen* 'lavar' na frase (19). Pelo mecanismo de projeção, λy se realizaria como SUBJ. Essa realização, contudo, é bloqueada, pois a variável x liga a variável y . Pela teoria da ligação do modelo LDG-LFG, λy somente pode realizar-se como pronome reflexivo. Como não existe pronome reflexivo sujeito, λy é projetado sobre a função gramatical canônica para o reflexivo, que é OBJ.

(28) $\lambda y_i \quad \lambda s \exists x_i \text{ WASH}(x,y)(s)$

4. AS CONSTRUÇÕES ANTICAUSATIVAS NO REFLEXIVAS MODELO LDG-LFG

Nesta seção, mostramos, inicialmente, que a análise de Steinbach também é preferível no âmbito do modelo LDG-LFG. Várias evidências adicionais em prol da abordagem sintática uniforme forte são levantadas, convergindo para a conclusão de que tratar o reflexivo como OBJ simplifica a descrição gramatical do alemão. Essa análise é, assim, tanto teoricamente mais viável à luz da aquisição do alemão como primeira língua como pedagogicamente mais adequada no âmbito do ensino do alemão como língua estrangeira.

4.1. SELEÇÃO DO AUXILIAR DO PERFEITO

Conforme Helbig e Buscha (1991, p. 138), todo verbo reflexivo em alemão constrói o pretérito perfeito com o auxiliar *haben* 'ter'. Verbos transitivos, com raríssimas exceções, também sempre selecionam esse auxiliar. Verbos intransitivos, porém, selecionam *haben* 'ter' ou *sein* 'ser', dependendo do aspecto verbal. Intransitivos *perfectivos* (i.e. télicos) selecionam *sein* (cf. (29)), ao passo que intransitivos *imperfectivos* (i.e. atélicos) fazem o pretérito perfeito com *haben* (cf. (30)).

(29) Das Paar ist aus dem Saal getanzt.
o par é da sala dançado
'O par saiu da sala dançando.'

(30) Das Paar hat zwei Stunden lang getanzt.
o par tem durante duas horas dançado
'O par dançou durante duas horas.'

A escolha do auxiliar do perfeito em alemão, portanto, depende de critérios sintáticos e semânticos. Em termos da LFG, é a existência de um OBJ na moldura funcional do verbo o fator determinante da seleção de *haben*.²⁰ Nesse caso, a semântica do verbo não desempenha papel algum. Apenas verbos sem OBJ na moldura funcional são sensíveis ao critério semântico, pelo qual verbos télicos selecionam *sein* 'ser' (EISENBERG, 1999, p. 109-110).

Do mesmo modo que nos verbos tradicionalmente classificados como transitivos, a existência do reflexivo induz a seleção de *haben*. Esse fato aponta claramente para o estatuto do reflexivo, em todas as construções, como OBJ, sobretudo à luz de exemplos como (31) e (32), em que o mesmo verbo, empregado em ambos os casos telicamente, seleciona o auxiliar *haben* 'ter' quando é acompanhado de reflexivo, mas o auxiliar *sein* 'ser', na ausência do reflexivo.

²⁰ Verbos que selecionam um OBJ também constroem o perfeito com *haben* 'ter', mesmo quando o OBJ, devido à aplicação da operação antipassiva, não é realizado, como por ex. em: *Maria hat geheiratet* ('Maria casou').

- (31) Die Katze hat sich ins Haus geschlichen.
 o gato tem REFL na casa furtivamente entrado
 'O gato entrou furtivamente na casa.'
- (32) Die Katze ist ins Haus geschlichen.
 o gato é na casa furtivamente entrado
 'O gato entrou furtivamente na casa.'

Vários outros exemplos de verbos poderiam ser aduzidos, os quais, malgrado serem perfectivos, não selecionam *sein* 'ser', mas *haben* 'ter', em razão de serem reflexivos, como por exemplo em (33) e (34). Isso mostra claramente que o reflexivo atua como OBJ determinando a seleção do auxiliar *haben* 'ter'.

- (33) Ich habe mich erholt.
 eu tenho REFL descansado 'Eu descansei.'
- (34) Die Stadt hat sich verändert.
 a cidade tem REFL mudado 'A cidade mudou.'

Uma vantagem imediata da classificação do reflexivo acusativo como OBJ é simplificar a regra de formação do perfeito. No âmbito da abordagem de Helbig e Buscha (1991), o aprendiz – seja uma criança que adquire o alemão como língua materna, seja um adulto que aprende o alemão como língua estrangeira – precisa aprender as regras de (35). Mas se consideramos o reflexivo acusativo sempre como OBJ, então a regra (i) é simplificada enormemente, pois se torna supérflua a referência a verbos reflexivos.

- (35) i. Verbos transitivos, reflexivos e intransitivos imperfectivos selecionam *haben*
 ii. Verbos intransitivos perfectivos selecionam *sein*

4.2. CONSTRUÇÕES ATRIBUTIVAS DE PARTICÍPIO

Helbig e Buscha (1991, p. 209) chamam atenção para a presença do reflexivo na primeira (cf. (36)) e a sua ausência na segunda construção atributiva de particípio (cf. (37)).

- (36) der sich verspätende Zug
 o REFL atrasando trem 'o trem que está se atrasando'
- (37) der verspätete Zug
 o atrasado trem 'o trem atrasado'

Se o reflexivo pertence ao lexema verbal, como pretendem Helbig e Buscha, qual a razão da discrepância entre (36) e (37)? Também podem integrar o verbo, enquanto lexema, substantivos, adjetivos e partículas verbais (cf. (38)), entre outros elementos, os quais, em frases não subordinadas de forma verbal não complexa, ocupam a posição final:

- (38) Die Sekretärin räumt das Büro auf.
 a secretária arruma o escritório PART 'A secretária arruma o escritório.'

No entanto, a partícula *auf*, contrariamente ao reflexivo, ocorre tanto na construção atributiva de particípio presente (cf. (39 a)), quanto na de particípio perfeito (cf. (39 b)). Comparem-se as construções abaixo com (36) e (37):

- (39) a. die das Büro aufräumende Sekretärin
 a o escritório PART-arrumando secretária
 'a secretária que arruma o escritório'
- b. Das aufgeräumte Büro.
 o PART-arrumado escritório
 'o escritório arrumado'

O mesmo comportamento que a partícula alemã *auf* em (39) é constatado em todos os elementos que integram o complexo verbal na abordagem de Helbig e Buscha, exceto o pronome reflexivo. O porquê do comportamento excepcional do reflexivo na construção (37) não está claro, à luz dessa abordagem. Por outro lado, se passamos a analisar o reflexivo como OBJ, torna-se evidente por que o reflexivo aparece em (36) e não em (37): o particípio passado, como a passiva (cf. (5) e (6)), caracteriza-se pela redução do OBJ (EISENBERG, 1999, p. 126). O particípio presente, contudo, mantém a mesma moldura de complementos verbais que na voz ativa. O reflexivo ocorre em (36), portanto, porque é um OBJ subcategorizado pelo verbo. E não aparece em (37) também porque é um OBJ.

4.3. PRINCÍPIOS CANÔNICOS DE VINCULAÇÃO ARGUMENTAL

Em alemão, há construções reflexivas, na acepção de Helbig e Buscha (1991), com reflexivo no acusativo, dativo e genitivo. Outra questão que a abordagem desses autores não permite responder diz respeito à inexistência de verbos reflexivos *stricto sensu* (cf. (16 a) e (17)) com reflexivo no dativo ou no genitivo. Por que há esse tipo de verbo apenas com reflexivo no acusativo?

Segundo Askedal (2002, p. 70-73), o acusativo é o caso preferido para codificação do objeto direto em alemão. O acusativo é o "caso estrutural" do objeto de verbos de dois lugares, i.e. constitui o caso atribuído à função sintática por meio de uma regra geral. Esse é também o ponto de vista na LDG.

Sob essa perspectiva, torna-se patente o motivo para a não-existência de verbos reflexivos inerentes com reflexivo no dativo ou genitivo: o reflexivo é um OBJ, portanto vai para o acusativo. Em outras palavras, a inexistência de verbos reflexivos *stricto sensu*, na acepção de Helbig e Buscha (1991), com outro caso que não o acusativo, é uma consequência dos princípios canônicos de projeção argumental do alemão. Logo, se o reflexivo nessas construções está sujeito ao mecanismo de projeção argumental, então não integra, como pretendem Helbig e Buscha, o complexo verbal a exemplo das partículas. Em vez disso, constitui complemento do verbo. Trata-se, porém, de complemento *sui generis*, uma vez que, como o sujeito expletivo de construções do tipo de (9), não tem correspondente na SF.

4.4. ORDEM DAS PALAVRAS

Uma última evidência de que o reflexivo em todas as construções alemãs de (14) – (17) realiza um OBJ provém das regras de ordenamento de constituintes em alemão. Uma dessas regras reza que o sujeito precede sempre o objeto (direto ou indireto), se essas funções gramaticais são realizadas por pronomes pessoais (EISENBERG, 1999, p. 394-395). O reflexivo em todas as estruturas reflexivas do alemão obedece a essa regra, comportando-se de forma idêntica aos pronomes pessoais não reflexivos, como se evidencia em (40) e (41).

- | | | | | | | |
|------|----|--------|-------------|-------------|-----------------------------------|--------------|
| (40) | a. | weil | <i>sie</i> | <u>sich</u> | plötzlich | geöffnet hat |
| | | porque | ela.N | REFL | subitamente | aberto tem |
| | | | | | 'porque ela se abriu subitamente' | |
| | b. | weil | <i>er</i> | <u>sie</u> | plötzlich | geöffnet hat |
| | | porque | ele.N | ela.AC | subitamente | aberto tem |
| | | | | | 'porque ele a abriu subitamente' | |
| (41) | a. | *weil | <u>sich</u> | <i>sie</i> | plötzlich | geöffnet hat |
| | | porque | REFL | ela.N | subitamente | aberto tem |
| | b. | *weil | <u>sie</u> | <i>er</i> | plötzlich | geöffnet hat |
| | | porque | ela.AC | ele.N | subitamente | aberto tem |

As construções de (40) são gramaticais porque o SUBJ (em *itálico*) precede o OBJ (sublinhado), ao contrário de (41), em que se tem a ordem inversa.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, focalizamos o reflexivo nas construções anticausativas do alemão. Em várias línguas, o estatuto morfossintático desse elemento é bastante controverso. Foram confrontadas entre si três tipos de abordagens sobre essa questão. Pela abordagem uniforme fraca, o reflexivo não é complemento em nenhum tipo de estrutura reflexiva. A análise uniforme forte, postulada no âmbito da LDG por Bierwisch (1996) e Kaufmann (2003) e no âmbito da TRL e do Programa Minimalista por Steinbach (2002), trata o reflexivo em todos os tipos de construção como um OBJ. Finalmente, Helbig e Buscha (1991), entre outros, propuseram uma análise bifurcada, segundo a qual o reflexivo é um OBJ em uma parte das construções e noutras, como as anticausativas, não constitui função-complemento do verbo, mas é parte integrante do lexema verbal, à semelhança das partículas verbais.

Mostrou-se, inicialmente, que a abordagem de Helbig e Buscha é incoerente, na medida em que admite sujeitos e objetos expletivos, mas nega o estatuto de objeto ao reflexivo em construções como as anticausativas. Várias outras desvantagens da análise bifurcada à Helbig e Buscha, além daquelas apontadas por Steinbach, foram levantadas. Como essas dificuldades dizem respeito ao não enquadramento do reflexivo como OBJ, elas são, logicamente, compartilhadas pela análise uniforme fraca, para a qual nenhum reflexivo é OBJ. Dados de vários setores da gramática do alemão foram trazidos à baila, os quais evidenciam o comportamento sintático do reflexivo em todas as construções como OBJ. Tratar esse elemento como não-complemento, particularmente como parte do complexo verbal à maneira de Helbig e Buscha, resulta em complicar extremamente a gramática do alemão, pois muitas exceções precisam ser formuladas para explicar o comportamento do reflexivo. Uma tal gramática é de difícil aquisição pela criança e de difícil aprendizagem por um adulto que aprende alemão como língua estrangeira.

Segundo Askedal (2001, p. 67), funções gramaticais como SUBJ e OBJ se referem a categorias que se comportam de forma idêntica relativamente a um determinado conjunto de regras. Essa opinião reflete o espírito subjacente ao design funcional da arquitetura da Gramática Universal na LFG. Esse modelo gerativo, contrariamente a abordagens como a TRL (RAPOSO, 1992), propõe funções gramaticais em vez de configurações sintagmáticas para expressar generalizações lingüísticas (BRESNAN, 2001).

A análise uniforme forte do reflexivo em alemão vem ao encontro dessa característica fundamental da LFG, na medida em que, ao tratar o reflexivo sempre como OBJ, explica, de uma só vez, o comportamento desse elemento na seleção do auxiliar do perfeito, nas construções atributivas com participio, na vinculação argumental e no ordenamento de constituintes. Essa análise, por ser mais simples, é teoricamente mais viável que a abordagem bifurcada ou a uniforme fraca. A essa adequação explanatória maior junta-se a maior adequação no âmbito do ensino de alemão como língua estrangeira.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, L. F. de. **Lexikalische Variation am Beispiel dynamischer Verben des Deutschen und des Portugiesischen**. 2003. 272p. Tese (Doutorado) – Departamento de Lingüística, Universidade de Constança, Alemanha. Disponível em: <<http://www.ub.uni-konstanz.de/kops/volltexte/2003/1076/>> Acesso em 20 set. 2003.
- ASKEDAL, J. O. 'Oblique subjects', structural and lexical case marking: Some thoughts on case assignment in North Germanic and German. In: FAARLUND, J. T. (Org.). **Grammatical relations in change**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001. p. 65-97.
- BIERWISCH, M. *Fragen zum Beispiel*. In: HARRAS, G.; BIERWISCH, M. (Orgs.). **Wenn die Semantik arbeitet: Klaus Baumgärtner zum 65. Geburtstag**. Tübingen: Niemeyer, 1996. p. 361-378.
- BRESNAN, J. **Lexical-functional syntax**. Malden, Mass.; Oxford: Blackwell, 2001.
- BUTT, M. et al. **A grammar writer's cookbook**. Stanford: CSLI Publications, 1999.
- CAMACHO, R. G. Em defesa da categoria de voz média no português. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 91-122, 2003.
- CHIERCHIA, G.; MCCONNELL-GINET, S. **Meaning and grammar: An introduction to semantics**. 2. ed. Cambridge, Mass.; London: The MIT Press, 2000.
- COMRIE, B. Causative verb formation and other verb-deriving morphology. In: SHOPEN, T. (Org.). **Grammatical categories and the lexicon**. Cambridge et al.: Cambridge University Press, 1985. p. 309-348.
- _____. **Language universals and linguistic typology**. 3. ed. Oxford: Blackwell, 1986.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAVIS, A. R. **Linking by types in the hierarchical lexicon**. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- EISENBERG, P. et al. **Grammatik der deutschen Gegenwartssprache**. 6 ed. Mannheim et al.: Dudenverlag, 1998.
- _____. **Grundriss der deutschen Grammatik**. Stuttgart; Weimar: J. B. Metzler, 1999.
- ENGEL, U. **Syntax der deutschen Gegenwartssprache**. 3. ed. Berlin: Erich Schmidt, 1994.
- FALK, Y. N. **Lexical-Functional Grammar: an introduction to parallel constraint-based syntax**. Stanford: CSLI Publications, 2001.
- HELBIG, G.; BUSCHA, J. **Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht**. 13. ed. Leipzig; Berlin; München: Enzyklopädie; Langenscheidt, 1991.
- KAUFMANN, I. Reflexive Verben im Deutschen. In: GUNKEL, L.; MÜLLER, G.; ZIFONUN, G. (Orgs.). **Arbeiten zur Reflexivierung**. Tübingen: Niemeyer, 2003. p. 135-155.
- KRÄMER, M.; WUNDERLICH, D. Transitivity alternations in Yucatec, and the correlation between aspect and argument roles. **Linguistics**, Berlin; New York, v. 37, n. 3, p. 431-479, 1999.

MENDES, A. **A expressão da emoção em predicados verbais do português**: uma análise sintático-semântica com base num *corpus*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2003. Disponível em: <http://www.clul.ul.pt/equipa/ufrj_2003_mendes.pdf> Acesso em: 17. abr. 2004.

RAPOSO, E. P. **Teoria da Gramática**: A Faculdade da Linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

REINHART, T. **Thematic Arity Operation and Parametric Variations**. Utrecht: Utrecht institute of Linguistics, 2003. Disponível em <<http://www.let.uu.nl/~tanya.reinhart/personal/Papers/parapaper-final-may-03.pdf>> Acesso em: 31. mar. 2004.

SCHWARZE, C. Zur lexikalisch-funktionalen Analyse der Reflexivierung im Italienischen. In: DIETRICH, W.; GAUGER, H.-M.; GECKELER, H. (Orgs.). **Grammatik und Wortbildung romanischer Sprachen**: Beiträge zum Deutschen Romanistentag in Siegen, 30.9 – 3.10.1985. Gunter Narr: Tübingen, 1987.

SELLS, P.; ZAENEN, A.; ZEC, D. Reflexivization Variation: Relations between Syntax, Semantics, and Lexical Structure. In: IIDA, M.; WECHSLER, S.; ZEC, D. (Orgs.). **Working Papers in Grammatical Theory and Discourse Structure**: Interactions of Morphology, Syntax, and Discourse. Stanford: CLSI, 1987. p. 169-238.

STEINBACH, M. **Middles in German**. 1998. 203p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia II, Universidade Humboldt, Berlin. Disponível em <<http://edoc.hu-berlin.de/dissertationen/steinbach-markus-1998-11-12/PDF/Steinbach.pdf>> Acesso em: 19. set. 2004.

_____. **Middle Voice**: A Comparative Study of the Syntax-Semantics Interface of German. Amsterdam: Benjamins, 2002.

WALTEREIT, R. What it means to deceive yourself: The semantic relation of French reflexive verbs and their corresponding transitive verbs. In: FRAJZYNGIER, Z.; CURL, T. S. (Orgs.). **Reflexives**: Forms and Functions. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 257-278.

WUNDERLICH, D. Predicate composition and argument extension as general options: A study in the interface of semantic and conceptual structure. In: STIEBELS, B.; _____ (Orgs.). **Lexicon in Focus**. Berlin: Akademie Verlag, 2000. p. 247-269.